

Inflação é a maior desde 2015 e vai a 10,54% em 12 meses

Motoristas em fila para abastecer em posto em Santo André (SP) - Invasão.
 Comex/Folhapress



Brasil completa um semestre de inflação em dois dígitos

IPCA vai a 10,54% em 12 meses; mega-aumento de combustíveis deve gerar novas pressões a partir deste mês

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO PreSSIONADO pelos preços de educação e alimentos, o índice oficial de inflação do Brasil teve alta de 1,01% em fevereiro, informou nesta sexta (11) o IBGE.

É a maior variação do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) para o mês desde 2015 (1,22%). O resultado veio acima das expectativas do mercado. Analistas consultados pela agência Bloomberg projetavam taxa de 0,95%. O avanço em fevereiro significa uma aceleração ante o mês anterior, quando a taxa foi de 0,54%.

Assim, o IPCA chegou a 10,54% no acumulado de 12 meses. Na divulgação de janeiro, a taxa acumulada estava em 10,38%.

Com isso, o Brasil completa um semestre com inflação ao consumidor acumulada acima de 10%.

A sequência anterior tão ou mais longa de IPCA acima de 10% ocorreu entre 2002 e 2003. À época, a inflação acumulada em 12 meses ficou em dois dígitos durante 13 divulgações, de novembro de 2002 a novembro de 2003, sob efeito da pressão do câmbio em meio a turbulências da área política.

A partir de março, a inflação tende a receber novas pressões, com os reflexos econômicos da guerra entre Rússia e Ucrânia, que começam

a piorar projeções de analistas para o ano. O conflito já provocou disparada de commodities como o petróleo, gerando um mega-aumento de combustíveis no Brasil nesta semana.

Apesar de permanecer em dois dígitos, o IPCA continua distante da meta de inflação perseguida pelo Banco Central. O centro da medida de referência neste ano é de 3,50%. O teto é de 5%.

De acordo com analistas, o IPCA deve estourar a meta em 2022. Se a estimativa for confirmada, será o segundo ano consecutivo de descumprimento. Em 2021, o avanço do índice foi de 10,26%.

Em fevereiro, todos os nove grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE tiveram alta de preços.

O segmento de educação registrou o principal impacto (0,31 ponto percentual) e a maior variação (5,61%) no IPCA do mês. A alta reflete os reajustes de mensalidades no começo do ano letivo.

Dentro de educação, o maior impacto, de 0,28 ponto percentual, veio dos cursos regulares, que subiram 6,67%, com destaque para ensino fundamental (8,06%), pré-ensino (7,67%) e ensino médio (7,52%).

"O avanço do IPCA no mês está muito relacionado com educação", disse Pedro Kislano, gerente da pesquisa

do IBGE. Entre os grupos, o segundo destaque no mês passado foi de alimentação e bebidas. A alta dos preços desse segmento atingiu 1,28%, com contribuição de 0,27 ponto percentual para o resultado geral.

Conforme Kislano, o avanço de alimentos é explicado pelo clima adverso na largada de 2022. Enquanto municípios do Sudeste registraram excesso de chuva, o Sul amargou período de seca.

Os extremos prejudicaram o custo de itens diversos, impactando oferta e preços. O IBGE destaca a disparada de alimentos como batata inglesa (23,49%) e cenoura (55,41%) em fevereiro.

Os extremos prejudicaram o custo de itens diversos, impactando oferta e preços. O IBGE destaca a disparada de alimentos como batata inglesa (23,49%) e cenoura (55,41%) em fevereiro.

Nos últimos 12 meses, o que mais pesou na inflação, de modo geral, foram os combustíveis, segundo o IBGE. O avanço chegou a 33,33%. Em fevereiro, contudo, houve queda de 0,92%, a terceira em sequência.

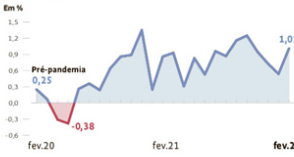
Outro dado que chamou a atenção na divulgação do IBGE foi o chamado índice de difusão, que ficou acima de 75% pelo terceiro mês consecutivo.

O indicador mede o percentual de produtos e serviços com alta de preços, em uma amostra com 377 componentes. Na prática, a difusão maior sinaliza que a inflação está mais disseminada pela economia.

Inflação no Brasil



IPCA mensal



Variação mensal dos grupos



Índice de difusão



Fonte: IBGE

Em fevereiro, o índice de difusão atingiu 75%, acima de janeiro (73%) e no mesmo nível de dezembro (75%). Em fevereiro de 2021, a marca era menor, de 63%.

Os automóveis novos (1,68%), por exemplo, subiram pelo 18º mês consecutivo. A alta acumulada desde setembro de 2022 é de quase 23%, sob impacto da desarticulação das cadeias produtivas do setor automotivo na pandemia.

Para 2022, analistas até projetam uma taxa menor do que a do ano passado (10,26%), mas as preocupações voltaram a crescer devido aos efeitos da guerra entre Rússia e Ucrânia.

Com a tensão no Leste Europeu, commodities agrícolas e o petróleo dispararam no mercado internacional. Os reflexos dessa valorização começaram a aparecer com maior força no Brasil nos últimos dias.

Em razão do avanço do petróleo, a Petrobras anunciou na quinta-feira (10) mega-aumento em preços de combustíveis nas refinarias — alta de 18,8% na gasolina, de 16,1% no gás de cozinha e de 24,9% no óleo diesel.

A decisão da estatal deve atingir o IPCA a partir de março. Antecipando possíveis efeitos do petróleo sobre os combustíveis e eventuais pressões de commodities agrícolas sobre alimentos no Brasil, analistas jogaram para cima as estimativas de inflação em 2022.

O economista André Braz, do FGV Ibre, elevou a projeção para o IPCA de 6,2% para 7,5%. O viés é de alta. Ou seja, o número previsto pode ficar ainda maior nas próximas semanas, conforme Braz.

"Não é só o impacto dos combustíveis. Commodities como milho, soja e trigo também andam subindo e podem contaminar a inflação", aponta. "Há, ainda, os efeitos indiretos provenientes dos aumentos dos combustíveis. O frete fica mais caro, o transporte público urbano pode ficar mais caro", acrescenta.

Segundo Braz, o IPCA pode continuar acima de 1% em março, devido ao mega-aumento. A projeção anterior era de uma alta próxima de 0,7% neste mês.

"O impacto do combustível não vai ficar 100% em março. Esse aumento de agora não vai impactar só a inflação deste mês, mas também a do mês que vem. Em abril, ela pode se aproximar de 1% de novo, com a pressão que vai chegar além do combustível".

Kislano, do IBGE, também mencionou que a alta de itens como gasolina e diesel deve provocar aumentos ao longo das cadeias produtivas. Contudo, o pesquisador relatou que ainda é preciso aguardar para ver a magnitude dos avanços.

Juros sobem com alta do IPCA e aumento dos combustíveis

Clayton Castelani

SÃO PAULO Os contratos de juros de referência para empréstimos bancários e financiamentos ao consumidor brasileiro voltaram a subir nesta sexta-feira (11), dia em que um mega-aumento dos combustíveis da Petrobras entrou em vigor e, além disso, houve a divulgação da maior inflação mensal para fevereiro desde 2015.

Com dois avanços diários consecutivos, a taxa DI (Depósitos Interbancários) de curto prazo — para janeiro de 2022 — entrou no dia em 13,2% ao ano. Uma alta de 0,29 ponto percentual em relação aos 12,9% do fechamento da quarta-feira (9), antes do anúncio da alta dos preços de gasolina, diesel e gás.

Contratos DI são negociados exclusivamente entre bancos, mas servem de referência para financiamentos e empréstimos em geral. A alta

dos DI revela que o mercado está esperando um aumento mais agressivo da taxa básica de juros (Selic) pelo BC. Tornar o crédito mais caro é uma das ferramentas que a autoridade monetária possui para tentar frear a inflação.

A taxa básica de juros do Brasil está em 10,75% ao ano, uma das mais elevadas do mundo em relação à expectativa de inflação anual do país, que é de 3,5%.

Analistas avaliam que a Selic subirá mais cedo em 2022 acima de 12%. "O IPCA [inflação oficial] veio pior do que o esperado", comentou Jansen Costa, sócio da Fatorial Investimentos.

"Com esses dados, a expectativa de aumento de juros pelo Copom agora é maior", disse. Ele também reforçou que o impacto do aumento da gasolina só será refletido na inflação oficial a partir do próximo mês.

Enquanto investidores interpretavam os sinais inter-

nos da economia e a evolução dos efeitos da guerra da Ucrânia nas finanças globais nas primeiras horas desta sexta, Bolsa e câmbio do Brasil chegaram a oscilar entre altos.

A tarde, o viés pessimista se consolidou. O Ibovespa, índice de referência do mercado de ações do país, caiu 1,72%, a 111.713 pontos.

Setores como construção civil e varejo, tradicionalmente prejudicados pela alta dos juros, ajudaram a puxar a Bolsa para baixo. O destaque negativo foi a construtora MRV, que afundou 11,89%.

O dólar subiu 0,71%, cotado a R\$ 5,0530.

Juros altos tendem a atrair investidores estrangeiros para o país e, em tese, deveria gerar uma tendência de baixa da moeda americana devido à entrada de dólares no país. Mas o resultado desta sexta foi diferente.

A crise geopolítica na Europa e a inflação nos Estados

Unidos direcionaram a alta do câmbio nesta sessão, segundo Fernanda Mansano, economista-chefe da plataforma de investimentos TC.

"O dólar hoje foi influenciado por questões internacionais", afirmou.

No 16º dia da guerra da Ucrânia, tropas russas expandem ataques no entorno da capital ucraniana Kiev.

O agravamento do conflito faz crescer preocupações sobre as consequências para a economia mundial.

É nos ativos ligados ao dólar que investidores procuram proteção em períodos de incerteza. Nesta sexta, a divisa americana se valorizou em relação a 19 entre 24 moedas de países emergentes presentes em uma lista acompanhada pela agência Bloomberg.

Sem perspectivas de solução para o conflito, a expectativa de severa redução da oferta de petróleo russo seguiu

pressionando a alta da commodity no mercado internacional. O barril do Brent subiu 2,76%, a US\$ 112,35 (R\$ 564,54) no início da noite.

As ações da Petrobras não acompanhavam a valorização da commodity. Pelo contrário. A petroleira controlada pelo governo perdeu 3,59%, devolvendo com troco todo o ganho de 3,4% da véspera que havia sido obtido com o anúncio da alta dos combustíveis.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Página:** 23